

O fazedor e as ferramentas de pensar*

Hila Rodrigues

Professora doutora adjunta na Universidade Federal de Ouro Preto.

E-mail: hilarodrigues@hotmail.com

Marta Maia

Professora doutora adjunta II na Universidade Federal de Ouro Preto.

E-mail: marta@martamaia.pro.br

Ricardo Lima

Mestre e professor assistente na Universidade Federal de Ouro Preto.

E-mail: ricardo.frei.lima@gmail.com

Resumo: O artigo desenvolve uma discussão sobre a prática docente em jornalismo, trazendo para o debate a importância de se aliar ensino, pesquisa e extensão na formação universitária do profissional da área. Tratando o jornalista como agente gestor da informação e construtor da parte da realidade social que se instaura de forma mediada, o texto procura dar destaque à necessidade de aquisição, por parte do estudante, das ferramentas de compreensão de sua prática profissional, assim como às possibilidades ampliadas de atuação decorrentes dos usos de tais ferramentas.

Palavras-chave: ensino; extensão; jornalismo; narrativas; pesquisa.



Abstract: The paper develops a discussion on teaching practice in journalism, debating the importance of combining teaching, research and extension in the education process at Journalism courses. Taking the journalist as a managing agent of the information and as a constructor of part of social reality, which emerges through mediation processes, the paper aims to highlight the need for acquisition, by the students, of the tools for understanding their own professional practices, as well as the expanded possibilities of action resulting from the use of these tools.

Keywords: Education, University Extension, Journalism, Narratives, Research.

INTRODUÇÃO

Vários autores já versaram sobre um problema que se coloca àqueles que desempenham o papel de professores nos cursos de Comunicação Social: o feito prático profissional seduz e encanta o aprendiz, que, inebriado pela dimensão prática, muitas vezes recusa o esforço intelectual de pensar e pesquisar as razões e critérios do fazer. A experiência durante os anos de ensino nos sensibiliza no sentido de contribuirmos para o debate, com vistas ao esclarecimento da importância das dimensões do trabalho jornalístico: atitudinal e reflexiva. Nesse passo, primeiramente, tentamos oferecer uma argumentação que aponte para a importância do relato jornalístico no ato de compreensão das coisas do mundo; que evidencie o protagonismo do jornalismo na seleção, hierarquização e

Recebido em: 08/12/2012

Aprovado em: 06/02/2013

* Trabalho apresentado no DT 1 – Jornalismo, do XVI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, realizado de 12 a 14 de maio de 2011.

produção de entendimento dos fatos que ajudarão a construir a realidade social do grupo que se vê sob interferência de sua produção informativa. Segundo, buscamos esclarecer a importância do trabalho de ensinamento e capacitação do jornalista – entendido como gestor da informação – em três frentes: ensino, pesquisa e extensão. Eis o tripé da condução do ensino universitário e científico, muitas vezes ignorado pelo afobamento da realização irrefletida e mecânica. E, por último, tratamos com mais vagar um dos pontos-chave para uma formação diferenciada e qualificada: a pesquisa em jornalismo. Damos destaque a esse item por compreender que o envolvimento com pesquisas municia tanto alunos e professores nas seguintes frentes: na lida cotidiana de procura de adequação e esclarecimento na relação entre a prática e a consciência dessa ação, impedindo que a ação do profissional siga automatizada; no enfrentamento a situações em que os “porquês” acabam ignorados ante o fascínio pelo “o quê”; no esforço para unir as “ferramentas de fazer” e as “ferramentas de pensar”, ainda apartadas.

FAZENDO REALIDADES, PROCESSANDO INFORMAÇÕES

O “fazedor” de Manoel de Barros logo diz: “Fazer pessoas no frasco não é fácil. Mas se eu estudar ciências eu faço”¹. Se na poesia o fazedor é capaz de engenhar um amanhecer e nos espantar, não se pode negar espanto mesmo ou maior àquele fazedor que, fora do universo poético, não apenas é capaz de dar razão ao amanhecer, mas à própria realidade. Isto que amanhece e se instala, oferecendo-nos um cenário que habilmente alguém depressa resolveu chamar cotidiano. Decerto, não é nada fácil construir a realidade, essa qualidade do real que nos ambienta e circunscreve. Ou ao menos não é óbvia a compreensão de que se trata de um constructo, produto da intervenção humana, de forma a compreendê-lo sob a batuta da episteme. Se o senso comum é capaz de oferecer um mundo explicado que nos move e sensibiliza, não oferece em sua inteireza as explicações sobre aquilo com que lidamos diariamente. Conhecer a realidade e o seu “fazedor” epistemologicamente implica ter olhos para uma espécie de conhecimento e ação que se instala, também e particularmente, na tarefa na qual se engaja o jornalista. O jornalista é um fazedor de realidades, que, ante a dificuldade de criá-la, precisa estudar a “ciência” e adquirir perícia nas formas de fazer surgir um mundo inteligível e verossímil. Precisa conhecer e utilizar as ferramentas de pensar tão bem quanto as ferramentas de fazer, de uso prático. A complexificação dos sistemas de convívio e a dificuldade de se construir relações interpessoais através daquilo que os sociólogos chamariam de relação primária ou face a face, desloca os meios de comunicação, alçando-os ao protagonismo na tarefa de “recerzir” a rede social e de amalgamar afinidades.

Já não temos olhos e ouvidos para capturar todo o ocorrido em nossa aldeia; da janela do sobrado ou do vão da oca já não se enxerga todo o mundo do qual somos sujeitos. Para além do alcance dos sentidos, extrapolando os limites da tradição e dos mitos, embaralhando pertencimentos, deslocando os critérios de identificação cultural, construindo histórias e presentes dos quais

1. BARROS, Manoel. *Poesia completa*. São Paulo: Leya, 2010. p. 473.

não fazemos parte (ao menos de forma imediata), a construção da realidade na contemporaneidade, aceitas as características arroladas acima, passa pela eleição, pela legitimação de agentes, em geral, vinculados a instituições e/ou organizações sociais, que trabalharão contra o esfacelamento das comunidades de pertencimento; agentes autorizados a reestabelecer laços, a construir verdades aceitáveis e assimiláveis, a organizar o *modus vivendi* desse mundo social tendenciosamente disperso, dimensionalmente inoperante, impressionantemente líquido. Liqueidez no sentido que Zygmunt Bauman², se não inaugura, deixa evidente ao dizer da fluidez, do derretimento de coisas até então inquestionavelmente institucionalizadas, como, por exemplo, o processo de criação de identidade, o processo de constituição da coesão social, as formas clássicas de construção de sociabilidades, que, agora, passam pela movediça relação entre o indivíduo, suas vontades, todo social e suas respectivas querências. Pois aqui tratamos e observamos o fabrico de um desses agentes de coesão: o jornalista. Esse fazedor, que por incumbência profissional se ocupa da construção de estados de coisas, apoiando-se numa possível relevância de sua visão de mundo, reunindo peças, manufaturando lógicas e raciocínios que possam edificar estados de opinião, formas de “estar”, enfim, a própria realidade tomada como tal e verdadeira pelos demais.

Algo fica evidente sobre o profissional do jornalismo: eis um dos agentes que trabalham para neutralizar a inoperância social da contemporaneidade, para providenciar o “cimento” social, ao elaborar um produto que “reconstruímos incessantemente, que reconstruímos com os outros”, numa espécie de coprodução que, todavia, se realiza em condições diversas para os diferentes atores dotados, respectivamente, de poderes e legitimidades distintas³.

O aceite do argumento aqui desenvolvido alça a tarefa do jornalista a um patamar de responsabilidade e complexidade tal que implica a própria “invenção” do “agora”, da organização deste *puzzle* que nominamos de “real”. Estamos falando não apenas do conhecimento do mundo, mas de formas de experimentá-lo; de formas de conhecer a vida, de produção de sociabilidade e sensibilidades sociais, através de uma produção de sentido (in)formada. Nesse caso, aceitamos que o jornalista formata, disponibiliza uma organização que se oferece como paradigmática, apresenta-nos uma forma de investidura do real. Cabe ao jornalista, ante a enxurrada informacional que se nos apresenta, dotar-se de habilidade, conhecimento e técnicas, para estabelecer, escolher, definir, quais “peças” desse *puzzle* poderão/deverão ser descartadas/acionadas. E, então, produzir comunicação.

Dizemos, pois, que a especificidade do trabalho jornalístico está empenhada na forma como o sujeito dessa ação olha e se debruça sobre o mundo. Falamos de olhar aquilo que extrapola a ocorrência meramente fisiológica do “ver” e inaugura uma forma de compreensão do mundo, por meio de um “ensaio de racionalidade e sensibilidade”⁴. A destreza na aplicação desse olhar, aliada a sua própria composição e racionalidade, itens responsáveis por doar especificidade e particularidade à prática, dotará o jornalista de uma capacidade de capturar

2. BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

3. CANCLINI, Nestor. *Consumidores e cidadãos*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2005. p. 136.

4. CHRISTOFOLETTI, Rogério. Ver, olhar, observar. In: CHRISTOFOLETTI, Rogério; BRAGA, José Luiz. *A sociedade enfrenta a sua mídia*. São Paulo: Paulus, 2006. p. 78.

a “atmosfera dos acontecimentos”, perceber os processos e ordenar, ainda que momentânea e aparentemente, o caos informacional⁵.

O jornalista, pois, entendido como um comunicador perito, faz estabelecer através do produto de seu trabalho a relação. Mais precisamente, a correlação entre as partes. Quando pensamos que o nosso próprio senso de real – ou boa parte dele, pois não nos esqueceríamos da parte da realidade construída na experiência direta e sentida – ou nossas consciências interconectadas constroem-se de maneira mediada, que extrapola a montagem do mundo edificada pelos sentidos do sujeito social, não podemos tratar e pensar o jornalismo apenas como uma forma técnica de apreender o mundo. Precisamos pensá-lo como uma ação repleta de todos os ingredientes para configuração de um campo: técnica, estética e ética próprias, tudo num mesmo e só lugar. Ao assumir e buscar legitimidade no ato de criar histórias – insistindo em ser sua testemunha ocular – e mundos para serem entendidos, partilhados e acreditados como verdade, o jornalista, primeiramente, deve entender que o “esplendor” do real “não se abre com faca”⁶, mas com o “saber fazer” e o “saber sobre o fazer”, ferramentas conquistadas no entendimento das responsabilidades, na *expertise* almejada pelos profissionais credíveis, na busca pela aquiescência dos pares e da sociedade. Tudo isso sem esquecer que os mesmos ruídos, as mesmas imagens e palavras, matéria-prima da obra jornalística, capazes de edificar as formas de conhecer e experimentar o mundo em uma sociedade, quando mal aplicados, diria o poeta, ao invés de comunicar, pelo contrário, “podem multiplicar os silêncios”⁷.

ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO

É verdade que no formigueiro os sonhos são obrigatórios? A pergunta é de outro poeta – Pablo Neruda⁸, no *Livro das perguntas* – e faz coro a Manoel de Barros na concepção do “fazedor” que constrói realidades. No caso das formigas de Neruda – tarefeiras por natureza –, o trabalho diário está agregado aos sonhos que as fazem seguir em frente, concentrando esforços na busca sistemática e na aplicação de métodos específicos, adequados a essa busca. O *buscar* de Neruda, aqui, é sempre resultado de algo aprendido e apreendido. Assim, não há que separar aquilo que se aprende daquilo que se faz num dado espaço de tempo e lugar. O primeiro (o que se aprende) refletirá a teoria – ou a ciência. O segundo (o que se faz) refletirá a prática – ou a profissão.

O que as “formigas fazedoras” evidenciam é o caráter essencial da arte de saber o que buscar, como e onde buscar. Descortinam, na prática, a importância do domínio do conteúdo, dos métodos mais adequados à pesquisa e da identificação de espaços propícios para experimentar, vivenciar e consolidar o que foi aprendido e apreendido. O equilíbrio entre as letras, a capacidade de reflexão e a técnica são importante em todos os cursos, mas ganha peso especial no Jornalismo, um campo marcado pelo poder simbólico, que traduz “a capacidade de intervir no curso dos acontecimentos, de influenciar as ações

5. Idem, p. 79.

6. BARROS, Manoel. Op. cit., p. 297.

7. Idem, p. 477.

8. NERUDA, Pablo. *Livro das perguntas*. Porto Alegre: L&PM, 2009. p. 39.

e crenças de outros e também de criar acontecimentos mediante a produção e transmissão de formas simbólicas”⁹.

Talvez mais que em outros campos, faz-se essencial ao Jornalismo e à sua prática a capacidade da universidade de possibilitar – a todos aqueles que pretendem abraçar essa profissão – a produção, a construção ou reconstrução do conhecimento. Significa abarcar a concepção de Paulo Freire¹⁰ de que ensinar não é transferir aquilo que se sabe, mas, sim, permitir a edificação de novos saberes – ou de saberes transformados. Mantém relação com o que Kaplún traduzirá como “comunicação educativa”, aquela em que se está sempre buscando um resultado formativo a partir da produção de mensagens capazes não apenas de fazer com que o aluno tome consciência da sua realidade, mas que possa também pensar e discutir essa realidade¹¹.

Não se trata de tarefa simples para aqueles que se dispõem a educar ou a fazer parte de processos essencialmente formativos. É preciso dominar as melhores formas de se aproximar desse conteúdo (ou do objeto de pesquisa) e criar um cenário propício ao aprendizado crítico. Nesse cenário, estudantes e professores devem ser concebidos como sujeitos reais na produção do conhecimento, no sentido de criar e recriar o saber ensinado. Basta observar que, embora textos e mestres possam ensinar a um estudante de Jornalismo, por exemplo, a melhor forma de abordar as fontes de informação envolvidas num escândalo político, é certo que o educando desprovido da capacidade de contextualização histórica, política e sociocultural acrescentará pouco ou nada aos dados coletados. E então não cumprirá uma das funções de um jornalista: a de traduzir – e não simplesmente relatar ou descrever – o que acontece. O aprendizado exige a investigação, a intercomunicação, a interatuação, de maneira que os atos de buscar, processar e interpretar uma informação superem a mera acumulação de dados¹². Está-se a falar aqui de um processo movido não só pela curiosidade, mas também pela arte de comunicar descobertas, de falar ao outro, de se fazer entender pelo outro. Desse ponto de vista, a tarefa daquele que ensina não é repassar ou entregar ao outro aquilo que já está assimilado, mas desafiar e provocar esse outro, de maneira que ele possa não apenas compreender o que foi ensinado, mas também repensar e reconstruir esse novo saber.

Por outro lado, seria ingenuidade supor que os processos de reconstrução do saber relacionam-se apenas à capacidade do sujeito de instigar o outro. Recriar, repensar e reconstruir conteúdos e objetos constituem um ato que requer também – e sobretudo – a experimentação. Estar no mundo, participar dele e vivenciar o que é oferecido são elementos caros àqueles que ensinam e àqueles que aprendem – porque agregar o “viver” aos livros, às palestras e seminários é sempre emancipador.

Mario Kaplún (1998), quando face a face com as singularidades da curiosidade ingênua, invoca Gramsci para lembrar que somente o sujeito capaz de exercer o senso crítico é também capaz de identificar e assimilar os reais problemas dos setores mais carentes de uma sociedade. Sob esse aspecto, há que

9. LIMA, Venício A. de. *Mídia: crise política e poder no Brasil*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2006. p. 12.

10. FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

11. KAPLÚN, Mario. *Una pedagogia de la comunicación* (Uma pedagogia da comunicação). Proyecto Didáctico Quirón, Madrid: Ediciones de la Torre, n. 101. 1998. Disponível em: <<http://www.scribd.com/doc/6881539/Mario-Kaplun-Una-Pedagogia-de-la-comunicacion>>. Acesso em: 15 fev. 2011.

12. Idem, p. 220.

se ater ainda à dimensão da extensão, na condição de mais um lastro capaz de permitir ao estudante o estabelecimento de laços de sociabilidade, aproximando-o ainda mais da realidade local. Por extrapolar os muros da Universidade, a atividade de extensão permite que essa formação, que se pretende voltada para as questões socioculturais, seja não apenas acadêmica no sentido restrito, mas humanizadora, com toda a complexidade que isso representa. “A cabeça pensa onde os pés pisam”, dirá Frei Betto¹³, em seu elogio à conscientização.

Num mundo em que o jornalismo já foi definido como “a história escrita à queima-roupa”¹⁴, a construção do pensamento crítico ganha em relevância – especialmente no Brasil, país ainda tão marcado pelas desigualdades. E é precisamente sob o prisma da desigualdade que cresce, em importância, a formação de profissionais capazes de construir um jornalismo revelador de realidades plurais, edificadas não só a partir das imagens que se formam na retina dos olhos ou dos sons que alcançam os ouvidos, mas do conhecimento teórico-prático que colore a vida e dá flexibilidade às formas de perceber o mundo.

A PESQUISA NA FORMAÇÃO E NA PRÁXIS PROFISSIONAL

Se o docente assume seu papel como pesquisador e não só como aquele que estabelece regras a serem seguidas pelos estudantes, confere à atividade de ensinar a expectativa da procura e da busca, enfim, a dimensão da novidade abrindo fendas no desenvolvimento cognitivo e lúdico do estudante. Paulo Freire (1996), ao afirmar que “foi aprendendo que percebemos ser possível ensinar”¹⁵, amplia a concepção desse processo ao incluir a noção de experiência como um elemento que fornece a amálgama necessária para a plena realização do exercício docente relacional.

O desvelar da realidade educacional aponta para a necessidade de se conhecer esse sujeito-estudante contemporâneo cuja identidade não pertence mais ao plano da univocidade, mas apresenta-se como uma rede de conexões, cambiante e fluida, na acepção de Zygmunt Bauman (2005)¹⁶. Pensar quem é esse sujeito, pensar como essa crise de sentidos afeta os estudantes que chegam aos bancos universitários e como eles vivenciam a falta de estruturas permanentes na sociedade, nos diferencia como seres questionadores e com certa responsabilidade sobre esses fazedores do real.

Norbert Elias¹⁷ argumenta que o fim do equilíbrio entre a identidade-nós e a identidade-eu nos recoloca a questão da preponderância da identidade-eu na contemporaneidade: “Enquanto, em épocas anteriores, as pessoas pertenciam para sempre a determinados grupos [...], de tal modo que sua identidade-eu estava [...] ligada a sua identidade-nós [...] o pêndulo, com o correr do tempo, oscilou para o extremo oposto”¹⁸.

Reconhecer o sujeito-estudante nessa perspectiva nos coloca a questão de como ele irá responder à busca do “outro” na atividade jornalística, dado que o jornalista trabalha em uma dimensão relacional. Trata-se de um ponto

13. FREI BETTO. Elogio da conscientização. *ALAI, América Latina em Movimento*, 9 fev. 2007. Disponível em: <<http://alainet.org/active/15560&lang=es>>. Acesso em: 08 nov. 2010.

14. MEDITSCH, Eduardo. A filosofia de Paulo Freire e as práticas cognitivas do jornalismo. Universidade Federal de Santa Catarina [on-line]. FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996. 2002. Disponível em: <<http://www.jornalismo.ufsc.br/bancomedados/meditsch-paulofreire.htm>>. Acesso em: 24 fev. 2011.

15. FREIRE, Paulo. Op. cit., 1996, p. 44.

16. BAUMAN, Zygmunt. *Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

17. ELIAS, Norbert. *A sociedade dos indivíduos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1994.

18. Idem, p. 161.

importante, na medida em que números e depoimentos não enunciam por si só o real: afinal é no plano da enunciação, possível a partir da relação entre os sujeitos e os discursos produzidos para cada situação, que isso ocorre.

A esfera jornalística comporta então a transparência e a visibilidade das ações dos profissionais que podem contribuir para assegurar a credibilidade do que está sendo construído no âmbito comunicacional. Se os estudantes apreendem esses procedimentos já no espaço dos cursos de jornalismo, conseguem ir além dos cânones consagrados da objetividade jornalística e romper com os manuais de produção.

Ao perceber que a informação assume um discurso que pode ou não refletir a pluralidade a partir das fontes e dados que podem ou não ser acionados, esse estudante terá condições de refletir sobre a qualidade daquilo que está sendo produzido. Instigar o estudante, portanto, a refletir sobre as ferramentas que poderão ser articuladas para situações específicas significa instituir um rigor metodológico capaz de ativar a curiosidade do estudante de maneira constante, *perene*.

Se o estudante tem contato com experiências de pesquisa, formais ou não, já no ambiente universitário, terá a capacidade de perceber que o uso dessas ferramentas em seu cotidiano profissional irá alavancar uma maneira de agir que leve em consideração um “outro” que ainda é desconhecido, que deve ser compreendido e que não pode ser visto somente a partir das experiências individuais projetadas, sem o reconhecimento das diferenças e da necessidade de (re)conhecê-las.

ARREIMATE

Ao reforçarmos a importância de se aliar ao aprendizado dimensões práticas e reflexivas, procuramos revalidar critérios que sustentem a prática jornalística como algo que extrapola um saber técnico automatizado. Pensar o jornalismo e os seus agentes como dispositivo de sociabilidade, agentes dotados de relevantes afazeres sociais, leva ao centro do debate sua face complexa, substantiva, instituidora da realidade que se experimenta por intermédio do constructo jornalístico. Ao tratarmos esse “fazedor” como um artífice que não mira as coisas e os acontecimentos de fora, mas do/no lugar social do qual faz parte, desvelamos a complexidade de sua tarefa, que não se resume à produção por “moldes” ou “formas”, carecendo de entendimento crítico, do domínio das “ferramentas” de pensar, do cumprimento das expectativas profissionais avalizadas pela sociedade.

Este artigo foi, pois, construído em defesa de uma proposta de ensino capaz de “produzir” profissionais aptos a inserir, no fazer do dia a dia, as ferramentas de pensar – de maneira a tornar a prática jornalística menos vacilante, mais certa e reflexiva, sustentada não por métodos quantitativos equivocados (tentativa e erro), esquemas e manuais, mas por ações qualitativas, conscientes, ponderadas, sob o domínio da *expertise* do profissional, da maquinaria da profissão, de uma metodologia específica e apropriada. Nesse sentido, um método de trabalho nunca será simplesmente uma soma de técnicas a serem

aplicadas aqui e ali, mas, sim, um “percurso global do espírito que exige ser reinventado a cada trabalho”¹⁹ – o que se daria exatamente em função da capacidade intelectual de realização do agente. Este, cioso de sua tarefa, não deve se furtar aos conhecimentos das técnicas, tampouco ignorar as ideias, pesquisas e teorias produzidas a respeito de sua profissão. Conhecer qual o “estado da arte” referente ao seu exercício profissional o municiará na ação, na tomada de decisões, na procura pelas “ferramentas” de fazer e de pensar mais adequadas à ocasião. “Quem não tem ferramentas de pensar, inventa”²⁰. E inventar não é apenas um dom do espírito, mas fruto do conhecimento, da pesquisa, da intervenção, da ação perita.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARROS, Manoel. **Poesia completa**. São Paulo: Leya, 2010.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

_____. **Identidade**: entrevista a Benedetto Vecchi. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

CANCLINI, Nestor. **Consumidores e cidadãos**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2005.

CHRISTOFOLETTI, Rogério. Ver, olhar, observar. In: CHRISTOFOLETTI, Rogério; BRAGA, José Luiz. **A sociedade enfrenta a sua mídia**. São Paulo: Paulus, 2006.

ELIAS, Norbert. **A sociedade dos indivíduos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1994.

FREI BETTO. Elogio da conscientização. **ALAI, América Latina em Movimento**, 9 fev. 2007. Disponível em: <<http://alainet.org/active/15560&lang=es>>. Acesso em: 08 nov. 2010.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

KAPLÚN, Mario. **Una pedagogia de la comunicación** (Uma pedagogia da comunicação). Proyecto Didáctico Quirón, Madrid: Ediciones de la Torre, n. 101, 1998. Disponível em: <<http://www.scribd.com/doc/6881539/Mario-Kaplun-Una-Pedagogia-de-la-comunicacion>>. Acesso em: 15 fev. 2011.

LIMA, Venício A. de. **Mídia**: crise política e poder no Brasil. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2006.

MEDITSCH, Eduardo. **A filosofia de Paulo Freire e as práticas cognitivas do jornalismo**. Universidade Federal de Santa Catarina [on-line]. 2002. Disponível em: <<http://www.jornalismo.ufsc.br/bancodedados/meditsch-paulofreire.htm>>. Acesso em: 24 fev. 2011.

NERUDA, Pablo. **Livro das perguntas**. Porto Alegre: L&PM, 2009.

QUIVY, Raymond; CAMPENHOUDT, Luc Van. **Manual de investigação em ciências sociais**. Lisboa: Gradiva, 1992.

19. QUIVY, Raymond; CAMPENHOUDT, Luc Van. *Manual de investigação em ciências sociais*. Lisboa: Gradiva, 1992. p. 13.

20. BARROS, Manoel. *Op. cit.*